

# X

## CRISE URBANA E PRODUÇÃO DE SUJEITOS COLETIVOS: A EXPERIÊNCIA DO MTST EM SÃO GONÇALO – RJ\*

*Bruno José da Cruz Oliveira<sup>1</sup>*

### 1. SÃO GONÇALO: DA MANCHESTER FLUMINENSE AO COLAPSO SOCIO ECONÔMICO

O território que atualmente compreende a cidade de São Gonçalo, onde residem segundo o IBGE de 2020 1.090.737 habitantes, está localizado na Região Leste Fluminense. Anteriormente a chegada dos portugueses, a região era habitada pelos índios Tupinambás, também conhecidos como Tamoios. A colonização do território teve como marco inicial a criação de um povoado no contexto de reforço da colonização portuguesa pós–expulsão dos franceses da Baía de Guanabara. O colonizador Gonçalo Gonçalves recebeu uma sesmaria às margens do rio Imboacú, onde fundou uma capela no local no dia 6 de abril de 1579.

Durante o período colonial, a economia gonçalense destacou-se na produção de cana-de-açúcar. Segundo Braga (2006), existia no município cerca de 30 engenhos remanescentes dessa etapa histórica em meados do século XIX. A produção canavieira e demais culturas como o milho, a mandioca e a laranja possibilitaram a construção de portos ao longo do litoral gonçalense, dando nome a alguns dos seus bairros atuais.

A emancipação da cidade em 1890, não alterou a sua dinâmica econômica que seguiu assentada sobre a produção agropecuária. Contudo, a partir dos anos 1930 a economia local refletiu as mudanças estruturais da economia

---

\*DOI - 10.29388/978-65-86678-35-2-0-f.219-238

<sup>1</sup> Assistente Social, mestre e doutor em Serviço Social pelo PPGSS da UFRJ, professor da Escola de Serviço Social–UNIRIO e coordenador do Grupo de Estudos Questão Urbana e Serviço Social da UniRio.

brasileira. O deslocamento da acumulação de capital para o eixo urbano–industrial iniciado nesse período colaborou para o município apresentar uma significativa taxa de industrialização nos anos posteriores. De acordo com Araújo e Melo (2014, p. 8), ao final dessa década, o município registrava cerca de 95 estabelecimentos industriais.

A modernização em São Gonçalo produziu um novo ciclo de ocupação do território. Como parte desse processo, a sua urbanização encontrou na expansão dos loteamentos a principal modalidade de conversão das terras rurais em urbanas. A pujante industrialização da cidade, que encontrou entre os anos 1930 e 1950 o seu auge, expressou a expansão da fronteira urbana para o Leste Fluminense reproduzindo, localmente, o padrão desigual e combinado do capitalismo brasileiro. A formação de uma elite política local que pautava o seu poder político apoiada nas atividades industriais, no comércio e no setor imobiliário, impulsionado pelo loteamento de antigas fazendas, foi uma consequência direta desse processo (GONÇALVES, 2012).

É importante ressaltar que a inserção de São Gonçalo no circuito da acumulação de capital via produção industrial não produziu rupturas importantes nas relações de poder vigentes no município. Sem contar com a existência de uma burguesia com origem na cidade, uma vez que, as indústrias instaladas no seu território eram, em sua grande maioria, sediadas fora do município, coube aos quadros políticos oriundos da insipiente classe média urbana gonçalense o exercício do poder político sintonizado com a modernização conservadora que se desenvolvia em nível local. Desse modo, podemos afirmar que a corrente política que ficou conhecida, em alusão ao ex–prefeito Joaquim Lavoura, como “Lavourismo”, foi a mais autêntica expressão política desse fenômeno<sup>2</sup>.

A industrialização em São Gonçalo, no entanto, encontrou no processo de esvaziamento industrial do Estado do Rio de Janeiro o seu maior obstáculo. De acordo com a análise de Araújo e Melo (2014) os setores econômicos que estruturavam a acumulação de capital no território fluminense, notadamente, os

---

<sup>2</sup>O ex–prefeito Joaquim Lavoura governou São Gonçalo por três mandatos tendo o auge da sua popularidade entre os anos 1950 e 1960. Durante os seus mandatos foram realizadas obras de infraestrutura que deram suporte à economia local. Não foi por acaso que no contexto do bipartidarismo outorgado pela Ditadura Empresarial Militar, o ex–prefeito e o grupo por ele liderado, o “Grupo Lavoura”, afiliaram–se a Aliança Renovadora Nacional, partido que representava os apoiadores do regime.

setores mercantil, na capital e cafeeiro, no interior, esse último em franca decadência, não eram capazes de sustentar um ritmo de industrialização acelerado de longo prazo. As saturações das áreas disponíveis à instalação de plantas industriais de grande porte e a precariedade da infraestrutura no interior do Estado contribuíram para a redução do investimento industrial. Tais fatores, conjugados à escolha do setor automobilístico a partir do Plano Metas<sup>3</sup> como pilar do projeto de substituição de importações, consolidou o Estado de São Paulo como principal centro econômico do país, resultando na gradativa redução do protagonismo econômico fluminense. Ao analisarem as consequências desse cenário em São Gonçalo, os mesmos autores afirmam que:

Embora em 1940 São Gonçalo tenha alcançado o nível máximo de participação no produto industrial estadual, registrou, em 1950, um aumento na participação no nível de empregos no setor a uma taxa superior a média estadual. Este crescimento, no entanto, parece ter chegado a um ponto de esgotamento: nos anos seguintes a indústria gonçalense, segue, a partir daí, uma trajetória inexorável de perda de participação relativa, ora crescendo a taxas inferiores à média estadual, ora decrescendo, sem jamais retomar a posição de destaque dos períodos de *Manchester*<sup>4</sup> (ARAÚJO; MELO, 2014, p. 5)

Simultaneamente, várias indústrias instaladas no território gonçalense transferiram-se para outros municípios ou mesmo para fora do Estado. Sem fazer parte como área estratégica de nenhum projeto de desenvolvimento fomentado tanto pela União quanto pelo Estado, São Gonçalo desenvolveu uma dinâmica de urbanização cujas características perduram até os dias atuais: alta densidade populacional e baixo dinamismo econômico.

A fusão entre os Estados da Guanabara e do Rio de Janeiro em 1975, embora concorresse para a integração político-administrativa da Região Metropolitana, não significou a alteração desse cenário. Paralelamente, a facilidade de acesso à capital após a construção da Ponte Rio-Niterói e da BR 101, produziu

---

<sup>3</sup>O Plano Metas foi um programa de industrialização posto em vigor durante o governo de Juscelino Kubitschek que tinha como objetivo central acelerar o processo de industrialização do Brasil via associação com o capital estrangeiro.

<sup>4</sup> O sentimento ufanista correspondente ao auge da industrialização em São Gonçalo gerou o apelido de “Manchester fluminense” para a cidade, em alusão ao centro industrial localizado na cidade de mesmo nome na Inglaterra.

um novo ciclo de expansão dos loteamentos. Desse modo, novas áreas foram convertidas em loteamentos como é o caso dos bairros Jardim Catarina e Trindade. Aos novos loteamentos, associaram-se ocupações informais caracterizadas por Corrêa (1993) como urbanização popular. Essa dinâmica indicou o aprofundamento da integração do Leste Fluminense ao processo de metropolização do Rio de Janeiro (GONÇALVES, 2012).

O esgotamento do modelo de desenvolvimento associado (IANNI, 1975) imposto pela ditadura empresarial–militar articulado ao ajuste neoliberal durante os anos 1990 produziu um contexto de intenso refluxo da atividade industrial no país. Todavia, os 20 anos de crise econômica e social encontraram, na primeira década do século XXI, um momento de exceção. Apoiado no ciclo de exportação das *commodities* a atividade econômica brasileira registrou uma significativa expansão. O Estado do Rio de Janeiro apresentou um importante crescimento das atividades ligadas à extração e refino de petróleo. Simultaneamente, os empreendimentos preparatórios dos megaeventos, com destaque para o Pan Americano 2007, a Copa do Mundo 2014 e os Jogos Olímpicos 2016 contribuíram para o incremento da cadeia produtiva ligada à construção civil, bem como, estimulou a expansão do setor de serviços.

Esse cenário impactou o Leste Fluminense e produziu expectativas em torno de um possível renascimento industrial na região. A construção do COMPERJ (Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro) e do Arco Metropolitano<sup>5</sup>, foram as bases fundamentais desse processo de desenvolvimento econômico que se expressou no crescimento das indústrias químicas, de alimentos, naval, construção civil e no incremento do setor de comércio e serviços. Nesse sentido, durante a última década se desenvolveu um cenário de expansão da economia local que produziu a realocação de São Gonçalo na dinâmica socioeconômica da região metropolitana do Rio de Janeiro. O anúncio oficial das obras da Linha 3 do Metrô, pelos governos Federal e Estadual em 2013 que ligaria a cidade a Niterói e Itaboraí, atendendo, fundamentalmente, a

---

<sup>5</sup> Concebido na década de 1970, o “Arco Metropolitano” é a forma como ficou conhecida popularmente a Rodovia Raphael Almeida Magalhães (BR-493). Projetada para interligar o Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro e o Porto de Itaguaí atravessando a Baixada Fluminense, o seu primeiro trecho foi construído entre 2008 e 2014 ligando as rodovias BR-040 e Rio–Santos. A segunda etapa da sua construção permanece paralisada desde 2015.

população gonçalense, corroborou esse processo. Segundo o IFDM<sup>6</sup> (Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal), o município manteve ao longo da segunda metade dos anos 2000 um crescimento do emprego e da renda que variou entre 0,65 e 0,71, atingindo o seu ápice em 2008, quando chegou a 0,718. Esses dados vão ao encontro da pesquisa realizada pelo CEPERJ (Fundação Centro Estadual de Estatísticas e Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro) que colocou São Gonçalo entre os cinco municípios que mais contribuíram diretamente para o Produto Interno Bruto do Estado do Rio de Janeiro em 2009.

A expansão econômica registrada produziu mudanças nos índices sociais do município. Todos os dados divulgados pelo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil – 2013 registraram uma sensível melhoria nas condições de vida dos gonçalenses. A renda per capita municipal que era de R\$ 539,00 em 2000, atingiu em 2010 R\$ 669,30. No mesmo período, a porcentagem da população extremamente pobre caiu de 3,03% para 1,55%. A desigualdade social medida pelo índice de Gini caiu de 0,47 para 0,43. A taxa de desocupação entre a população acima de 18 anos reduziu de 17,48% no início da década para 9,92% em 2010. A formalização dos empregos atingiu 67,91% sendo o setor terciário o maior empregador da economia local reunindo, respectivamente, 18,63% e 53,75% dessa população.

A crise econômica que eclodiu no centro capitalista em 2008 provocou a desaceleração da economia mundial. Frente ao quadro de recessão internacional, os governos Lula da Silva (2003–2011) e Dilma Rousseff (2011–2016) lançaram mão de medidas anticíclicas como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) e a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para manterem a economia brasileira aquecida, apostando na ampliação do mercado interno. Porém, a queda brutal dos preços das *commodities* no mercado internacional não permitiu que tais medidas surtisserem efeito para além do médio prazo. A tendência de redução do Produto Interno Bruto que já se apresentava em 2011, com uma queda de 3,5% comparado ao ano anterior quando o mesmo atingiu 7,5%, acentuou-se. Em

---

<sup>6</sup> Índice anual criado pela Federação das Indústrias do Rio de Janeiro para medir o dinamismo da atividade econômica nos municípios que compõem o Estado. A sua escala varia de 0 a 1.

2014 o PIB nacional foi de 0,5% registrando nos dois anos seguintes, crescimento negativo de -3,8% e -3,6%.

Com uma economia altamente dependente da atividade petrolífera, a desvalorização do preço do petróleo atingiu, frontalmente, a economia fluminense. Segundo o Boletim de Mercado de Trabalho da FIRJAN publicado em 2018, entre 2015 e 2016 foram fechados 472 mil postos de trabalho. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/2016) o estado possui 1,3 milhões de desempregados. Em levantamento realizado pela Fundação Getúlio Vargas em junho de 2017, na Região Metropolitana, o desemprego atingiu índices acima de 14%, superando a cifra nacional, estimada em 13,7%.

No Leste Fluminense a paralisação das obras do COMPERJ contribuiu decisivamente para a recessão da economia da região. Entre 2014 e 2016 o empreendimento acumulou 37 mil demissões segundo dados do Sindicato dos Trabalhadores Empregados nas Empresas de Manutenção e Montagem Industrial de Itaboraí (SINTRAMOM)<sup>7</sup>. A redução da capacidade de consumo da população tem produzido o fechamento de empreendimentos. Segundo levantamento da ACESG (Associação Comercial e Empresarial de São Gonçalo) entre 2016 e o primeiro trimestre de 2017, cerca de 32 lojas encerraram as suas atividades no município. Atualmente, de acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério da Economia (CAGED), a cidade ocupa o segundo lugar em relação ao número de vagas de emprego fechadas no Estado do Rio de Janeiro em 2019 com 1581 postos de trabalho fechados.

Simultaneamente, a cidade sofre com índices crescentes de violência. De acordo com dados do Instituto de Segurança Pública entre 2015 e 2016, o índice de roubo a transeuntes aumentou 82%. Os registros de roubos a celulares cresceram 77%. Os assaltos a veículos de carga aumentaram 162%. Entre os meses de janeiro e agosto de 2016 foram registrados 219 assassinatos, 13 latrocínios, 157 tentativas de homicídio e 19 cadáveres encontrados no município. Em 2018, São Gonçalo registrou o maior número de tiroteios no Estado do Rio de Janeiro segundo o aplicativo “Fogo Cruzado”. Nos três primeiros meses

---

<sup>7</sup> IGGIANO, Bruno. COMPERJ já acumula 37 mil demissões e expectativa dos trabalhadores é que as obras da UPGN sejam retomadas em março. 2016. Disponível em: <<https://www.petronoticias.com.br/archives/79492>>. Acesso em: set. 2020.

de 2019 o Instituto de Segurança Pública (ISP) registrou o aumento de 37% no número de assaltos a transeuntes e no transporte coletivo comparado ao mesmo período em 2017.

## **2. AS LUTAS POPULARES DOS GONÇALENSES: UM PATRIMÔNIO (IN)VISÍVEL**

No que diz respeito às lutas sociais, ao longo da sua história São Gonçalo registrou alguns episódios importantes. O município foi palco da revolta conhecida como Confederação dos Tamoios (1556–1567) que reuniu várias tribos indígenas aliadas aos franceses instalados na colônia França–Antártica na Baía de Guanabara contra a colonização portuguesa. No século XVII, mais precisamente em 1660, ocorreu a revolta conhecida como "Bernarda" que reuniu os produtores de cana-de-açúcar contra a taxaço da produção e do comércio de aguardente imposta pelo então Governador Geral Salvador Correia de Sá e Benevides.

A luta contra a escravidão negra também se fez presente no território gonçalense. De acordo com Nunes (2016: p. 2) “uma das marcas principais da nossa cidade foi a sua serventia para abrigar escravos fugidos que, como estratégia, nunca formavam grandes quilombos, mas pequenas unidades espalhadas pelo território para dificultar a repressão.” Segundo o mesmo autor, além de fugas e suicídios, a resistência à escravidão negra incluiu a reação violenta contra os fazendeiros e administradores das fazendas do município. Durante o período imediatamente posterior à abolição da escravatura foram criadas escolas destinadas aos negros recém libertos por intelectuais abolicionistas como nas localidades de Cordeiros (atual Santa Izabel), Itaitindiba e Guaxindiba. A herança das resistências indígena e negra também incluiu expressões culturais locais. No início do século XX, marcado pela criminalização oficial das expressões culturais afrobrasileiras, a cidade sediou o primeiro terreiro de Umbanda no Brasil, a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, no bairro de Neves.

A fundação do Partido Comunista do Brasil – atual Partido Comunista Brasileiro (PCB) – em 1922 na cidade vizinha de Niterói teve reflexos na dinâmica política local. O operariado gonçalense, que experimentava um significativo crescimento devido à expansão industrial na cidade, foi alvo da intervenção

político–organizativa dos militantes do partido. Além da organização sindical, os comunistas exerceram uma importante influência na organização comunitária e na dinâmica eleitoral em São Gonçalo durante a redemocratização pós Estado Novo. Em 1945, o eleitorado local, juntamente com o de Niterói, constituiu-se como a principal base eleitoral que elegeu o operário negro Claudino José da Silva para a Assembleia Constituinte e no ano seguinte elegeu três vereadores comunistas para o Legislativo municipal.

Ainda marcada por uma significativa presença da economia agrícola, São Gonçalo registrou a atuação movimentos camponeses durante o início dos anos 1960. A ocupação da Fazenda Maria Paula, em 1963, fez parte de uma onda de ocupações de propriedades rurais no Estado do Rio sendo o ápice de um cenário que registrou a intensificação das lutas sociais rurais no Brasil pré 1964. Porém, a repressão política desencadeada pelo Golpe Militar contribuiu de modo decisivo para a desarticulação das iniciativas de organização das classes populares locais. O município sediou um dos mais tenebrosos locais de prisão e tortura localizado no Estado do Rio de Janeiro, a Ilha das Flores, base do Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha.

A ascensão das lutas sociais ocorridas durante o processo de redemocratização potencializou a retomada das mesmas na cidade. O movimento popular, o movimento sindical, o movimento estudantil secundarista e a pequena, mas atuante, ala progressista da Igreja Católica, impulsionaram a emergência de novos atores políticos na cidade oriundos da incipiente classe média, do operariado urbano industrial e demais segmentos precarizados dos trabalhadores locais. Oliveira (2002, p. 55) ao analisar uma das expressões desse processo afirma que

[...] o movimento comunitário não esteve preocupado somente com a conjuntura interna das comunidades, ele percebeu algo muito mais abrangente. As questões sociais de cada comunidade faziam parte de uma conjuntura nacional e que para a melhoria da comunidade as associações de moradores precisavam mudar o modo de se fazer política em seus municípios, modificar a política a nível local.

Esse contexto de efervescência política na cidade se desenvolveu contemporaneamente à ascensão da liderança de Leonel Brizola e da sua agremiação



ção partidária, o Partido Democrático Trabalhista (PDT) no Estado do Rio de Janeiro pós fusão. No Leste Fluminense, o PDT converteu-se na maior força política pós Ditadura Militar<sup>8</sup>. Em São Gonçalo, a legenda governou a cidade entre 1988 a 2000 e ainda entre 2009 a 2012 com destaque para os dois mandatos do ex-prefeito Edson Ezequiel. O “brizolismo” caracterizou-se por possuir uma postura ambígua frente aos movimentos populares. Alves (2003, p. 110) ao abordar esse fenômeno na Baixada Fluminense nos fornece uma análise plenamente aplicável à cidade.

Ao lado das declarações de Brizola em defesa do povo trabalhador da região, do reconhecimento do abandono do poder público e do caráter predatório da iniciativa privada, desenvolvia-se uma prática cooptativa das lideranças locais emergentes, a aliança com setores por demais ligados aos persistentes modelos de dominação local e as velhas estratégias eleitoreiras e clientelísticas, que tiveram na distribuição espacial e na obtenção de vagas dos Cieps o seu ponto culminante.

Em São Gonçalo, esse cenário contribuiu para a proeminência da intervenção institucional em detrimento da organização popular. Como afirma Oliveira (2002, p. 78), várias lideranças daquele que foi o movimento social mais dinâmico durante a redemocratização pós Ditadura Militar no município foram incorporados pela burocracia estatal.

A fragilização dos movimentos sociais, fruto do aprofundamento do cenário de desindustrialização e desemprego nos anos 1990 conjugado às ofensivas ideopolítica e programática neoliberal após o fim da Guerra Fria, impediu que o processo de redemocratização impulsionasse a realização de transformações estruturais que desconcentrassem a renda, a propriedade e o poder no Brasil. Esse fenômeno contribuiu para que partidos políticos que se constituíram a partir de um discurso identificado com os interesses imediatos e históricos dos trabalhadores lateralizassem ou mesmo abrissem mão do seu papel de indutores da organização das classes populares privilegiando a intervenção institucional. O descenso organizativo dos movimentos sociais comprometeu a descentralização político-administrativa pós Constituição de 1988 como instrumento de

---

<sup>8</sup> Além de São Gonçalo, o Partido Democrático Trabalhista também governou a cidade de Niterói durante toda a década de 1990. A figura de maior expressão do partido na região foi o ex-prefeito da cidade Jorge Roberto da Silveira.

combate ao histórico patrimonialismo que marca o Estado brasileiro, sobretudo na esfera das municipalidades. A participação popular autônoma e consciente cedeu espaço aos mecanismos renovados de clientelismo político associados à precarização dos serviços públicos, processo caracterizado por Soares (2002) como descentralização destrutiva.

Nesse sentido, o cenário de organização popular registrado na década de 1980 em São Gonçalo refluíu dando lugar a novas formas de exercício do poder pelas elites locais. A multiplicação dos tradicionais centros sociais, muitas vezes convertidos em Organizações Não Governamentais, paradoxalmente, subsidiadas por verbas públicas através do estabelecimento convênios de prestação de serviços com instituições estatais tornaram-se o principal instrumento de perpetuação do clientelismo no município. O crescimento dos adeptos de igrejas fundamentalistas cristãs, notadamente as pentecostais e neopentecostais, também é um elemento mediador da dinâmica política da cidade que se desenvolve a partir dos anos 1980. Como possuem incontestável influência eleitoral, são, tradicionalmente, instrumentalizados pelas elites locais que, muitas vezes, possuem membros entre as suas lideranças. Todavia, é necessário compreendermos os seus aspectos mais contraditórios. Ao mesmo tempo em que disseminam uma visão de mundo conservadora, essas instituições também se constituem como espaços de resistência à desagregação social provocada pelo aprofundamento das relações sociais no contexto de uma economia de mercado periférica e dependente, reestabelecendo vínculos de pertencimento comunitário e solidariedade social (MACHADO, 1996).

Na última década, em meio ao processo de expansão da economia local, assistimos um insipiente renascimento das lutas sociais. No campo da luta pelo direito à educação pública de qualidade registramos a rearticulação do movimento estudantil secundarista gonçalense. Desarticulado desde meados da década de 1990, quando teve destaque no movimento pelo impedimento do ex-presidente Fernando Collor (1990–1992), os estudantes secundaristas voltaram a promover manifestações na cidade pelo direito ao passe livre e por melhorias estruturais nas escolas. Ao mesmo tempo, os profissionais da educação organizados pela seção local do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação promoveram greves e protestos reivindicando melhores salários e condições de trabalho

Outra expressão dos movimentos sociais nesse período foi o crescimento da luta contra o preconceito aos grupos LGBTT. Desde 2004 é promovida, anualmente, a “Parada LGBTQI” em São Gonçalo por grupos que atuam na defesa e promoção dos direitos dessas categorias sociais. Em 2010, em função do bárbaro assassinato do adolescente Alexandre Thomé Ivo Rajão, no bairro do Mutuá, foi criado o “Movimento Alexandre (V)IVO” que luta pela criminalização da homofobia e contra a impunidade.

O levante popular de junho de 2013 que, inicialmente, encontrou na luta pela redução das tarifas do transporte público a demanda catalisadora de um conjunto de outras reivindicações que vieram a se agregar ao movimento, também teve a sua expressão local. Cerca de 5 mil pessoas, segundo a Polícia Militar, ocuparam a Avenida Feliciano Sodré naquela que é considerada uma das maiores manifestações da história da cidade. Assim como em todo o país, as manifestações de junho de 2013 recolocaram o protesto juvenil na dinâmica política de São Gonçalo. As ocupações das escolas estaduais fluminenses ocorridas em 2016, inspiradas no movimento iniciado em São Paulo contra a reorganização do Ensino Médio imposta pelo governador Geraldo Alckmin, também tiveram a contribuição dos estudantes gonçalenses que ocuparam o Colégio Estadual Nilo Peçanha, o Colégio Estadual Pandiá Calógeras e o Instituto de Educação Clélia Nanci.

Com efeito, podemos afirmar que, apesar dos atuantes mecanismos de controle social que permitem a perpetuação de uma estrutura de poder local conservadora ao longo da história, sempre houve processos de resistência que se desenvolveram na cidade. As classes populares que residem no município estiveram conectadas com os principais processos de mobilização política e social que se desenvolveram na História do Brasil. O resgate e a afirmação dessa herança vão ao encontro da necessidade de reconstrução da história local a partir da perspectiva dos “de baixo”.

### **3. O MTST E A CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS COLETIVOS NAS PERIFERIAS URBANAS: A OCUPAÇÃO ZUMBI DOS PALMARES**

A expansão populacional nas periferias urbanas possui uma estreita ligação com o fenômeno do desemprego estrutural. A relação entre a desindus-

trialização, que se desenvolve no país desde a crise do “Milagre Econômico” em meados dos anos 1970, a reestruturação produtiva do capital e o aprofundamento da informalização do mercado de trabalho tem produzido uma massa de trabalhadores urbanos desempregados ou imersos em relações de trabalho precarizadas. Esse fenômeno contribui com a formação daquilo que autores como Braga (2012) e Standing (2013) denominam como precariado.

Tal processo, conjugado à dinâmica de crise ideopolítica e programática que se instalou nas esquerdas a partir dos anos 1990 teve como consequência direta a fragilização das lutas sociais que encontravam nas organizações tradicionais do mundo do trabalho, com destaque para os sindicatos e partidos políticos, o seu centro dinâmico. Paralelamente, as experiências, genericamente, caracterizadas como movimentos populares como as associações de moradores e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBS) encontraram, respectivamente, na violência urbana e no avanço das igrejas pentecostais e neopentecostais poderosos obstáculos.

O Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) surge em 1997 como uma resposta ao aprofundamento da segregação socioespacial nas grandes cidades brasileiras. Atualmente, apresenta-se como o principal movimento de luta pela moradia no Brasil com ocupações em São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Ceará, Rio Grande do Sul, Paraná e Pernambuco. O MTST encontra na intervenção territorial e no déficit habitacional as bases para o desenvolvimento das suas atividades político-organizativas. A sua ação tem como objetivo organizar os “[...] trabalhadores a partir do local em que vivem: os bairros periféricos” (CARTILHA DE PRINCÍPIOS DO MTST, 2011, p. 4). Portanto, é a partir das referências socioespaciais existentes no cotidiano das populações que residem nas periferias urbanas que o movimento busca atuar para a formação de sujeitos coletivos.

A adoção dessa estratégia demanda a utilização de métodos de atuação diferentes daqueles que são empregados nas lutas sociais desenvolvidas a partir da esfera produtiva. Chamamos a atenção para as ocupações como forma de ação direta realizada pelo movimento. Mais do que fixar-se em uma propriedade de grande extensão, a ocupação é também o início de um processo de ressignificação de uma faixa do território na medida em que ela passa a ser apropriada de forma coletiva pelos integrantes do movimento questionando, concreta-

mente, a moderna relação de propriedade. É nesse contexto que se apresentam as possibilidades de desenvolvimento daquilo que Iasi (2007) caracteriza como o *processo de consciência*.

Conjugada à reivindicação do direito à moradia, o MTST apresenta a necessidade de realização de uma Reforma Urbana que desconcentre a propriedade nas cidades como forma de superação do déficit habitacional brasileiro. Desse modo, o movimento se contrapõe ao modelo de cidade–mercadoria, pois ela “[...] joga os mais pobres em regiões cada vez mais distantes” (CARTILHA DE PRINCÍPIOS DO MTST, 2011, p. 4) reproduzindo a lógica da concentração fundiária e da segregação socioespacial que caracteriza, estruturalmente, a cidade capitalista.

A formação do espaço urbano capitalista no Brasil expressa a dinâmica desigual e combinada que caracteriza a sua formação sócio–histórica. Nela, observamos a imbricação entre formas sociais capitalistas e não capitalistas no processo de produção e reprodução da vida social. Desse modo, o fenômeno da concentração fundiária, frequentemente registrado em sociedades não capitalistas, como foi o caso do feudalismo, foi uma das principais formas de produção do espaço geográfico brasileiro no contexto da integração do país ao mercado mundial desde o período colonial. A conversão das terras rurais em urbanas, que acompanhou a industrialização durante o século XX, assentou-se sobre uma intensa especulação imobiliária que não registrou o clássico conflito entre burguesia industrial e proprietários fundiários (aristocracia rural). Para tanto, concorreu o fato de que o capital anteriormente destinado à agroexportação foi, em parte, redirecionado para a produção industrial convertendo parcela significativa dos proprietários fundiários em burgueses industriais (FURTADO, 2000).

O processo de modernização que transformou as atividades urbano–industriais em eixo dinâmico da acumulação de capital reproduziu a lógica da concentração fundiária na formação do espaço urbano brasileiro. Nesse sentido, a reforma urbana defendida pelo MTST se confronta com um dos principais pilares de sustentação do capitalismo periférico e dependente no Brasil. Essa análise fundamenta a postura abertamente anticapitalista adotada pelo movimento conforme explicita a sua Cartilha de Princípios (2011).

Em São Gonçalo, o crescimento populacional registrado nos últimos 40 anos ao conjugar-se com a ausência de políticas habitacionais que alcançassem os segmentos mais pauperizados da população local tem aprofundado a precarização das condições de moradia na cidade. Em 2015, de acordo com um levantamento realizado pelo programa Incid (Índices de Cidadania) do Instituto Brasileiro de Análises Socioeconômicas (IBASE) esse déficit era de 9,9% da população local.

Diante desse cenário a ocupação Zumbi dos Palmares realizada no bairro Jardim Catarina mobilizou cerca de 500 famílias ao longo de 15 dias durante o mês de novembro de 2014. Durante esse período, foi construída uma coordenação local com as lideranças dos moradores dos bairros que participaram da ocupação. Ao final da mobilização, um acordo envolvendo a Prefeitura de São Gonçalo, a Caixa Econômica Federal e as lideranças do MTST garantiram a construção de mil unidades habitacionais pelo Programa Minha Casa Minha Vida na modalidade Entidades. A partir de então, foi iniciado o trabalho de nucleação do movimento. Os seus integrantes foram divididos em três núcleos territoriais correspondentes aos bairros Santa Luzia, Jardim Catarina e à localidade conhecida como Cano-Furado. Foram realizadas assembleias mensais para o repasse acerca das negociações com os governos municipal e federal, bem como, com a Caixa Econômica Federal. Além disso, foram organizadas manifestações com o objetivo de pressionar o poder público no atendimento às reivindicações apresentadas pelo movimento.

A população que se organiza em torno do movimento em muito reflete o perfil socioeconômico típico de um contexto pós-urbano (BOTELHO, 2014). Segundo os dados produzidos pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Favelas e Espaços Populares cerca de 85% dessa população é negra sendo formada por 80% de mulheres. Os dados relacionados à educação são alarmantes. Duas em cada três crianças estão fora das unidades de educação infantil, enquanto que 70% dos jovens e adultos não completaram o ensino fundamental. Ao mesmo tempo, 85% estão imersos em relações informais de trabalho. Desse, cerca de 65% ganham menos de um salário mínimo.

O golpe parlamentar ocorrido em 2016 e a adoção de uma agenda ultraliberal pelo governo de Michel Temer (2016–2018) produziu um progressivo desmonte das políticas sociais. Com a ascensão de Jair Bolsonaro à presidência

esse quadro tornou-se ainda mais dramático para os movimentos sociais, cujas lideranças passaram a ser alvo de processos judiciais e ameaças a sua integridade física. No caso da periferia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, as disputas territoriais que envolvem grupos armados ligados ao narcotráfico e às milícias (grupos paramilitares formados por agentes de segurança pública) é outro obstáculo para a organização do movimento.

Diante das dificuldades impostas pela quadra regressiva pós-2016, o movimento vem reorganizando a sua intervenção territorial na cidade. Apresentando-se como o ator mais dinâmico da Frente Povo Sem Medo<sup>9</sup>, o MTST tem organizado um conjunto de ações que visam estreitar vínculos comunitários e mobilizar os seus integrantes, juntamente com o conjunto da população moradora dos bairros Jardim Catarina e Santa Luzia em torno de demandas por infraestrutura urbana e efetivação de direitos, o “Projeto Bairro Sem Medo”. Ele é desenvolvido em um antigo centro comunitário próximo à Praça de Santa Luzia. A experiência pioneira para o movimento tem como principal ação o fornecimento gratuito de refeições produzidas por uma cozinha comunitária gerida pelos membros da coordenação local do movimento aos domingos onde são promovidas atividades socioeducativas e culturais. Simultaneamente são realizadas atividades socioeducativas e culturais como é o caso do Grupo de Gestantes e das rodas de conversa multitemáticas promovidas pelos estudantes e professores das Escolas de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Atualmente, essa experiência tem feito parte da campanha Periferia Sem Fome promovida pelo MTST em nível nacional.

A necessidade de empreender reivindicações para além da luta pela moradia se apresenta como algo fundamental para essa população. Todavia, esse processo é inviável sem a construção de uma leitura de mundo (FREIRE, 2005) embasada na desnaturalização da realidade social. Assim sendo, a produção de sujeitos coletivos formados por aquilo que Davis (2006) caracteriza como humanidade excedente demanda trabalho de longo prazo junto com doses de co-

---

<sup>9</sup> A Frente Povo Sem Medo é uma articulação política entre sindicatos, movimentos sociais, partidos políticos e intelectuais que se desenvolveu no Brasil no contexto do golpe parlamentar-jurídico-midiático em 2016. Atualmente é um dos principais atores políticos de oposição ao governo Michel Temer.

ragem para romper com velhos esquematismos. Dessa forma poderemos contribuir com a (auto)construção das classes populares como sujeitos da sua própria história.

## REFERÊNCIAS

ALVES, J. C. S. **Dos barões ao extermínio**: uma história de violência na Baixada Fluminense. Rio de Janeiro: Ed. SEPE/APPH CLIO, 2003.

ARAÚJO, V. L. de; MELO, H. P. O processo de esvaziamento industrial em São Gonçalo no século XX: auge e declínio da Manchester Fluminense. **CADERNOS DO DESENVOLVIMENTO FLUMINENSE**, Rio de Janeiro n. 4, 2014.

Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. 2013. Disponível em: <[http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_m/sao-goncalo\\_rj](http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/sao-goncalo_rj)>. Acesso em: 5 set. 2017.

AZEVEDO, L.; FAULHABER, L. **SMH 2016**: remoções no Rio de Janeiro Olímpico. Rio de Janeiro: Morula, 2015.

**BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA FLUMINENSE**: OUTUBRO 2009. CEPERJ, , 2009. Disponível em: <[http://www.ceperj.rj.gov.br/Bolcon/Boletim\\_AnoI\\_n10.pdf](http://www.ceperj.rj.gov.br/Bolcon/Boletim_AnoI_n10.pdf)>. Acesso em: 4 set. 2017.

BOTELHO, M. Crise urbana do Rio de Janeiro: favelização e empreendedorismo dos pobres. In: BRITO, F.; ROCHA, P. **Até o último homem**. São Paulo: Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_. Favelização Mundial: o colapso urbano da sociedade capitalista. **Revista Territórios Transversais**, São Paulo, v.1, n. 1, p. 6–9, março de 2014.

BOULOS, G. **De que lado você está?** Reflexões sobre a conjuntura política e urbana no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2015.

\_\_\_\_\_. **Por que ocupamos?** Uma introdução à luta dos Sem Teto. São Paulo: Autonomia Literária, 2015.

BRAGA, R. **A política do precariado**: do populismo à hegemonia lulista. São Paulo: Boitempo, 2012.



BRAGA, M. N. M. **O município de São Gonçalo e sua História**. Niterói: Edição Independente, 2006.

MTST. CARTILHA DE PRINCÍPIOS ORGANIZATIVOS DO MTST. **MTST**. Disponível em: <<http://www.mtst.org/linhaspoliticaseorganizativas.pdf>>. Acesso em: 7 set. 2017.

CORREA, F. Centro de São Gonçalo é ocupado por protesto. **Band**, , 2013. Disponível em: <<http://noticias.band.uol.com.br/cidades/rio/noticias/100000607361/Centro-de-Sao-Goncalo-e-ocupado-por-protesto.html>>. Acesso em: 23 set. 2017.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1993.

Crise econômica faz lojas fecharem em São Gonçalo. **O São Gonçalo**, , 2017. Disponível em: <<http://www.osaogoncalo.com.br/geral/24140/crise-economica-faz-lojas-fecharem-em-sg>>. Acesso em: 2 set. 2017.

CURY, A.; SILVEIRA, D. PIB recua 3,6% em 2016 e Brasil tem pior recessão da história. **Globo**, , . Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/pib-brasileiro-recua-36-em-2016-e-tem-pior-recessao-da-historia.gh-tml>>. Acesso em: 4 ago. 2017.

DAVIS, M. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.

Déficit Habitacional é um dos grandes conflitos do território. **INCID**, , 2015. Disponível em: <<http://incid.org.br/2015/04/23/deficit-habitacional-e-um-dos-grandes-conflitos-territorio>>. Acesso em: 3 set. 2017.

Déficit Habitacional no Brasil – resultados preliminares. **FJP**, Belo Horizonte , 2017. Disponível em: <<http://www.fjp.mg.gov.br/index.php/produtos-e-servicos1/2742-deficit-habitacional-no-brasil-3>>. Acesso em: 2 jul. 2017.

FERREIRA, J. Violência muda rotina de São Gonçalo. **O dia**, , 2017. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-03-25/violencia-muda-rotina-de-sao-goncalo.html>>. Acesso em: 25 set. 2017.

FIRJAN. Acompanhamento do Mercado de Trabalho no Rio de Janeiro. **FIRJAN**, , 2017. Disponível em: <<http://www.firjan.com.br/publicacoes/publica>

[coes-de-economia/acompanhamento-do-mercado-de-trabalho-no-estado-do-rio.htm](#)>. Acesso em: 4 set. 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Ed. Publifolha, 2000.

GONÇALVES, T. G. B. **Periferias segregadas, segregação nas periferias**: por uma análise das desigualdades intraurbanas no município de São Gonçalo-RJ. 2012. . Dissertação (Mestrado em ) – Pós Graduação em Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

IANNI, O. **Estado e Planejamento Econômico no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

IASI, M. **Processo de Formação da Consciência**. São Paulo: Editora CPV, 2007.

IGGIANO, Bruno. COMPERJ já acumula 37 mil demissões e expectativa dos trabalhadores é que as obras da UPGN sejam retomadas em março. **PETRO-NOTÍCIAS**. 2016. Disponível em: <<https://www.petronoticias.com.br/archives/79492>>. Acesso em: 21 set. 2020.

MACHADO, M. das D. **Carismáticos e Pentecostais**. São Paulo: Autores Associados, 1996.

MERLIM, M. 14ª Parada LGBT reúne multidão em São Gonçalo. **O São Gonçalo**. 2017. Disponível em: <<http://www.osaogoncalo.com.br/geral/27973/14-parada-lgbt-reune-multidao-em-sao-goncalo>>. Acesso em: 1 out. 2020.

Moradores de Niterói e São Gonçalo protestam na rodovia Niterói Manilha contra falta de energia. **O Globo**, 2009. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/moradores-de-niteroi-sao-goncalo-protestam-na-rodovia-niteroi-manilha-contr-falta-de-energia>>. Acesso em: 10 set. 2017.

NÓBREGA, Camila. Disponível em: <<http://www.canalibase.org.br/ocupacao-em-sao-goncalo-expoe-deficit-de-moradia>> . Acesso em: 5 jul. 2017.

NUNES, J. O fim da escravidão. **Frederico Carvalho**, 2016. Disponível em: <<http://www.fredericocarvalho.com.br/tema/sao-goncalo/o-fim-da-escravidao>>. Acesso em: 5 set. 2017.

OLIVEIRA, R. **Movimento Comunitário em São Gonçalo de 1978 a 1988: fluxo e refluxo**. Trabalho de Conclusão de Curso ( ) – Departamento de Ciências Humanas, Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo, 2002. .

OLIVEIRA, W. et al. Rio em perspectiva: desemprego ainda crescente.

**DAPP**, , 2017. Disponível em: <<http://dapp.fgv.br/o-rio-em-perspectiva-desemprego-ainda-crescente>>. Acesso em: 13 set. 2017.

PNAD. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. 2016. Disponível em: <[https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa\\_resultados.php?id\\_pesquisa=149](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=149)>. Acesso em: 13 out. 2018.

REZNIK, L.; COSTA, R. N.; FREIRE, R.; DE MOURA, R. S. **Lavoura e o Lavourismo: um estudo das práticas e representações políticas no município de São Gonçalo**. Rio de Janeiro: FFP/UERJ, 2013.

São Gonçalo, no Rio, chega ao 43º dia de greve dos professores. 2008. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2008/06/17/sao-goncalo-no-rio-chega-ao-43-dia-de-greve-de-professores.htm>>. Acesso em: 1 set. 2020.

SOARES, L. T. **Os custos sociais do ajuste neoliberal na América Latina**. São Paulo: Cortez, 2002.

STANDING, G. **O precariado: a nova classe perigosa**. SP: Autêntica, 2013.